

# Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?

**Pseudónimo: Kucsydaisy**

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.<sup>a</sup> edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

# Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?

de Kucsydaisy

## O primo do T-Rex, desaparecido

- MAAAAAAAÃEEEEEEEEEEEEEE! Viste o galo depenado? - gritou Zebilinha Voa-voa, com a sua voz *paternenta*<sup>1</sup> de desenho animado ecoando pela casa.

Desceu as escadas de dois em dois, segurando o corrimão para impulsionar os pés e saltou para o tapete persa vermelho que a mãe teimava em manter limpo a todo o custo.

Zebilinha Voa-voa, na sua cabecinha prática de criança, não compreendia para que servia um tapete limpo, se a sua função era aquecer os pés nos dias frios de nevoeiro montanhoso e limpar os sapatos depois de passar o dia a brincar na rua.

Encontrou a mãe na sala, estirada no chão, com os braços junto ao corpo, enquanto levantava as pernas esticadas à vez, mantendo o tronco reto como uma tábua encostado ao chão, contando entredentes, sem perder o ritmo... “treze... catorze... quinze...” A televisão estava ligada no canal, que os meninos apelidaram de Tudo Louco da Cabeça, onde estava a passar um programa de pessoas obesas, tentando perder peso. A mãe, como era evidente, estava antes relaxada a ver o seu programa, quando de repente lhe assaltou aquela vontade irresistível de exercitar o corpo.

*Buquinha* era o nome que os familiares mais próximos lhe apelidaram quando era criança. Gulosa por um docinho, não perdia uma única oportunidade para esconder um rebuçado ou chocolate, longe da mira dos irmãos para saborear mais tarde. Fazia lembrar um cão escondendo o seu osso na terra para depois desenterrar e saborear às escondidas. À medida que crescia, perdera o *inha* do nome e hoje era tratada apenas por Buca. Mas nem com o passar dos anos, perdeu a mania dos doces,

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

e apenas trocou os irmãos pelos filhos, mantendo um *stock* de doces trancados no guarda-fato do quarto que achava que os

1 - Expressão usada na ilha de Santo Antão que significa irritante.

filhos não sabiam da existência. A chave era guardada cuidadosamente na gaveta dos sutiãs, e somente era retirada, quando se esgueirava depois de almoço, na pontinha dos pés para saborear um chocalatinho. Os filhos, mal sabia, conheciam o seu esconderijo e quando batia aquela manha doce, sabiam o local certo onde não falhava a existência de *um cosinha sab<sup>1</sup>!*

Mas com o avançar dos anos, desenvolveu uma tendência para o açúcar alto no sangue, o que lhe valeu uma dieta restritiva e a necessidade de fazer exercício físico para prevenir quaisquer complicações. Com o tempo, ficou tão viciada em exercícios físicos que já não conseguia parar. Andava sempre com a sua *dor-de-cabeça<sup>2</sup>*, prevenindo o cabelo de se empastar com o suor da testa.

- Não faço... ideia... Zebilinha! Já... procuraste... na cozinha? - disse a mãe sem parar o seu exercício e aguentando o abdómen para resistir às dores.

Zebilinha deixou a mãe nos seus “fazeres” e seguiu para a cozinha onde normalmente se encontrava Mãe Nacleta nos seus experimentos culinários.

E sem dúvida, lá estava ela, baixinha e ainda esguia, vestindo o seu vestido-bata florido e azul claro, chinelos nuvem pretos, que lembravam botes, com os dedos quase tocando o chão de tão chegados à frente. A sua pele, já flácida, caía dos braços, balançando enquanto cantarolava, mexendo o tacho de sopa de cachupa, e a sua barriga proeminente, saltitava sem vergonha de quem visse, sob o seu vestido. Os seus cabelos eram brancos como a neve, mas estavam sempre presos num lenço que se amarrava atrás, descaindo em duas pernas compridas. Com oitenta e dois anos, parecia mais rija do que nunca. Ao contrário da nora, tinha saúde para dar e vender, e nas análises médicas não lhe saía um único número fora da norma.

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

Dizia sempre que o segredo estava nos banhos de losna e

- 1 - Algo delicioso
- 2 - Faixa de cabelo

eucalipto que fazia pelo menos duas vezes ao mês, e um copo de chá de folha de louro para desanuviar os intestinos. No quintal tinha um enorme jardim de folhas de chá que cuidava com muito cuidado. Para ela, qualquer enfermidade era resolvida com chá, atmosfera húmida e banhos de emersão. Além disso estava sempre a inventar receitas. E desde que descobrira as redes sociais, andava louca atrás de receitas que o seu *feed* lhe sugeria. Mas tinha muita dificuldade em fazer qualquer gesto mínimo no telemóvel, acabando por perder o vídeo na maior parte das vezes. Quando isso acontecia, contava com a sua memória para recriar as receitas, que na maioria das vezes se traduzia numa roleta russa de coisas maravilhosas ou ... bizarras.

Mã Nacleta, como cozinheira, tinha uma rixa infinita com o galo depenado, que ameaçava um dia acabar no prato como galo panado, sendo que já vinha depenado e pronto para entrar na panela.

- Maaaã Nacletaaaaa!

- Oh *menine!* Que se passa? O almoço ainda não está pronto, come um *funginho*<sup>1</sup> que acabei de fazer.

Zebilinha meteu a mão na tigela e saboreou um *funginho* que só a avó sabia fazer.

- Viste o Rex?

Rex era o nome que Zebilinha Voa-voa e os irmãos tinham batizado o galo depenado. Rex tinha sido salvo de uma capoeira em chamas, quando ainda era frango. Uma brincadeira de mau gosto de um grupo de rapazes sem nada para fazer. O dono, que fazia criação de galinhas, não teria mais uso para um galo que não tivesse penas, já que as galinhas só se interessavam pelos galos mais janotas e de penas esplendorosas. Tudo o que lhe restara foram as penas dos calcanhares, dando a sensação que andava de meias.

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

1 - Petisco tipicamente cabo-verdiano, feito com batata doce, banana, farinha de milho e mel-de-cana.

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

Zebilha que passava por essa capoeira todos os dias a caminho da escola, pediu ao dono que lhe desse o frango chamuscado para adoptar. Chamou-lhe de Rex, pois segundo aprendera num documentário passado na escola, a galinha era talvez o primo mais próximo do grande e mortífero tiranossauro-rex. Depois do acidente, nunca mais as penas do corpo lhe cresceram e ficou para sempre depenado, apenas com uma ou outra pena aqui e acolá.

- Sabes que se o tivesse visto, já estava na panela! É bom que esse patife não apareça por essas bandas. Olha para isto, anda a colocar minas na cozinha e pensa que as minhas plantas são para limpar o rabinho. Parece-me que a última vez que o vi estava a entrar para a casa de banho com Licinha.

- Ups! - pensou Zebilha.

A irmã Licinha detestava quando Rex entrava na casa de banho atrás dela. Desde que entrara na adolescência andava com aquela cara de *aborrescência* e sem vontade de participar em nada. Mal entrava em casa, já estava com o pé fora para sair com as amigas. Por isso o pai lhe chamava de Licinha Vaivém. Se pudesse iria sempre, mas como precisava de comer, vestir e dormir, regressava sempre contrariada.

Zebilha Voa-voa achava que ela andava a estudar na escola dos ninjas, pois mal a via, já ela desaparecia atirando uma daquelas bombinhas de ninja que o sujeito desaparece no meio da fumaça. Especialmente se Zebilha quisesse ir com ela. Nesse caso desaparecia até com mais eficiência.

Mas por mais que não gostasse da presença de Rex, o galo teimava em gravitar para o seu lado, como se soubesse que não era bem-vindo e gostasse de ser rejeitado, especialmente quando estava na casa de banho. Mal entrava, e o galo já estava empoleirado na sanita olhando para ela com aquela cara de quem quer participar. Disso seguia-se um berro, um

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

cacarejar ofendido, e uma porta batendo com força!

Zebilinha subiu as escadas novamente, atravessando o corredor que dava para o quarto da irmã. Abriu a porta e espreitou com muuuuito cuidado. A bela adormecida, detestava ser acordada, e quem o fizesse corria o sério risco de sair com o nariz partido.

Lá estava ela, ressonando profundamente e nenhum sinal do galo. Mã Nacleta, por vezes lembrava-se de coisas que não necessariamente tinham ocorrido no dia.

Mal fechou a porta, sentiu uma ventania familiar passar por ela. VUUUUUMMMMMM! Tratava-se do irmão mais novo, que sofria de um caso particular de *zoomies*. A mesma condição que sofriam os cães e gatos quando têm muita energia acumulada e se vêm obrigados a correr para frente e para trás ou aos círculos para libertar a energia. O irmão passava por longos períodos calmos, com o seu fiel lápis de carvão na mão, desenhando e rabiscando, quando de repente levantava-se e punha-se a correr feito louco, enquanto emitia a sua própria banda sonora de efeitos especiais sonoros. Quando lhe passava a crise, regressava à cadeira calmamente e voltava aos seus desenhos como se nada tivesse acontecido. Isso lhe cominou a alcunha carinhosa de Vunvum.

O seu quarto era um grande rabisco. As paredes estavam cheias de gatafunhos e esboços. E dentro da casa, não havia uma única folha que se safava do lápis de Vunvum. Há muito que tinham desistido de procurar folhas para anotar o que quer que fosse. Todos tinham um bloco ou caderno escondido nalgum lugar onde o devorador de papéis não conseguiria achar, o que não significava que ele não encontrava de vez em quando.

Andava sempre com o cabelo desgrenhado de tanto coçar o couro com a ponta do lápis, e por lavá-lo com tão pouca frequência. O seu calcanhar de Aquiles era o banho. Todos os dias, às seis da tarde desaparecia. Aparecia cerca de uma ou

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

duas horas mais tarde, confiando que já não seria obrigado a

tomar banho, apenas para encontrar a mãe ou o pai de toalha no braço atrás da porta. Andava sempre de *shorts* xadrez e camisas dos seus super-heróis favoritos.

- Vunvum, viste o Rex?

- Não!... está...com... pai? - Enquanto a energia não se amainasse era escusado falar com ele.

Lembrou que o pai devia estar na garagem, *esclofetando*<sup>1</sup> nas suas coisas.

Zebilinha, voltou a descer para baixo. Atravessou a sala e entrou por uma porta que dava acesso direto à garagem do pai. Estava concertando a gaveta de uma cômoda que há anos a mãe Buca pedira para concertar. Mal viu a filha, disse:

- Vê lá o que achas?

Zebilinha aproximou-se e puxou a gaveta que normalmente deveria deslizar sem problemas. Ficou presa!

- Não funciona...

- Estas a fazer errado, tens de bater aqui em baixo, e puxar para cima - após o movimento complicado, a gaveta abriu-se sem mais problemas - Depois disso, podes trancar com este ferrinho improvisado.

Zebilinha Voa-voa sorriu.

Toi Buldonhe tinha esse nome, não por coincidência. Era o homem que consertava tudo. Qualquer coisa sabia consertar, até as coisas que não tinha experiência, conseguia dar um jeito, dizia ele. E na verdade tinha jeito para consertar e solucionar problemas. O único problema é que todos os seus consertos tinham um truque. E muitas vezes um truque que só ele tinha o jeito ou a força para o conseguir executar. A casa estava repleta destes truques, nas portas, nos armários, no autoclismo da sanita, nas janelas, nas torneiras, e agora na gaveta.

Tinha também o cabelo desgrenhado como o filho, e andava

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

sempre com ferramentas nos bolsos. Vestia-se sempre de forma

1 - Mexendo

relaxada, como se não tivesse pressa para nada e estivesse sempre a ficar em casa. A barriga já lhe saltava um pouco à vista, mas não ligava, pois, a culpa da barriga com certeza era do seu apetite voraz. Com a mãe na cozinha, tinha sempre uma coisa deliciosa para petiscar.

- Viste o Rex, pai?

- Não minha filha! Já procuraste lá fora?

Zebilha regressou para dentro e apontou a cabeça para fora de uma janela.

De lá podia-se sentir a imponente da casa sobre o seu poleiro. Castelo *d'Rotcha*<sup>1</sup> era o nome que os meninos atribuíram à casa. Posicionada em cima de uma rocha elevada a cerca de cinco metros do chão, olhava sobre a paisagem em redor, cheio de árvores de fruto e montanhas atrás. A casa era feita de blocos de cimento que nunca foram embarrados, dando aquele aspecto de castelo antigo, e não era muito espaçosa. No entanto era alta, com 2 pisos e uma torre improvisada. Ao redor, havia um espaço de terra batida, com plantas silvestres e atrás um enorme quintal e jardim labiríntico, onde a avó mantinha as suas plantinhas. Ao redor haviam outros vizinhos, mas nenhuma das casas eram tão interessantes quanto o Castelo *d'Rotcha*, pensava Zebilha. De lá conseguia ver o cão, Caramel Cararrum<sup>2</sup>, que se encontrava preso por uma corrente a uma árvore, ao lado da casota. Quando estava preso era porque tinha feito alguma coisa de errada. Da última vez, tinha pego as cuecas do pai, que estavam a secar e usado como pano de dormir.

Caramel Cararrum, tinha mesmo cara de mau. Olhos castanhos claros e o queixo proeminente, ficando mais à frente que a boca de cima, deixava os dentes de baixo sempre à mostra, especialmente o canino inferior do lado esquerdo.

O pai tinha decidido que precisavam de um cão guarda, *Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

depois que arranjou carro. Uma *Starlet* vermelha e velha, que

1 - Castelo de Rocha.

2 - Junção das palavras Cara e Ruím.

mal tinha forças para subir os caminhos do vale. Apanhou Caramel, de uma ninhada que tinha nascido nos arredores, porque segundo ele, foi com a cara dele... agora ele é que não foi com a cara do pai!

Caramel Cararrum, além de mal-encarado, não era lá muito simpático, e muitas vezes falso. À primeira, vinha com aquela cara de menino abandonado e fechava os olhos recebendo carinho, descaindo a cabeça e as orelhas para o lado. Mas do nada, abria os olhos, como se tivesse sido possuído por um diabrete e saltava, abrindo a boca para morder o que quer fosse. Roupas, calcanhares ou dedos. Os meninos da casa eram praticamente os únicos que Caramel Cararrum... tolerava... E Mã Nacleta, que era quem lhe dava de comer mais frequentemente. O pai passava a vida descompondo o quadrúpede ingrato que sem ele, teria ficado na rua, e nem casota teria para se proteger da chuva! Mas sendo que fazia bem o seu trabalho de guarda e não queria comer os filhos, deixava passar essa afronta dentro da sua própria casa e ignorava os seus comportamentos mal-agradecidos.

O sonho de Caramel-Cararrum era comer o galo Rex. De cada vez que o via, passava-se completamente. Os seus olhos ficavam negros feito um tubarão e só se viam as pérolas brancas da sua dentadura e as gengivas vermelhas sonhando com sangue. Se não fosse a corrente, o galináceo teria morrido umas trezentas e quarenta e três vezes, pelas contas de Vunvum, que mantinha um quadro de marcação das vezes que o canino esteve preste a matar o depenado. Mas segundo Mã Nacleta, Caramel Cararrum estava quase a ficar sem ideias quanto à morte do galo. Via nos seus olhos que agora andava a medir qual seria a forma mais divertida de o matar, já que já tinha esgotado todas as suas ideias criativas.

No entanto havia uma segunda vítima de Caramel Cararrum

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

que vinha de um local enterrado no seu subconsciente ancestral

e primitivo. O seu instinto de caça era imediatamente ativado assim que o via e este se eriçava, alimentando ainda mais a sua vontade de caçar. O gato Pirata. Era provável que um confronto entre os três resultasse numa escolha muito difícil, apostando Mã Nacleta no galo e o irmão dela no gato.

Zebilha viu que não havia sinal de penas à volta do cão, por isso não seguiu as suas buscas. Abandonou a janela, atravessou a cozinha, onde a avó cantarolava uma morna fora de tom e saiu para o jardim.

O jardim era um lugar mágico para Zebilha. Havia de tudo, desde plantas rasteiras, arbustos e até árvores. Para lá do centro do jardim, estava um dragoeiro que ela tinha muito orgulho e que tinham apelidado de Dragão.

Nesta área também vivia um segundo familiar que, há muitos anos atrás, viera com o intuito de passar uns tempos, e que nunca mais se foi embora. Ti Cók<sup>1</sup> era extremamente divertido. Para as crianças, era um poço de informações, superstições e histórias engraçadas. Alugava umas terras a pouca distância dali onde cultivava cana-de-açúcar para produzir grogue no trapiche. Como tal era um apreciador aficionado de grogue. O seu nariz vermelho e bolboso era condição crónica sem conserto. Embora estivesse quase sempre sob a influência do álcool, nunca parecia estar bêbedo. Na boca faltavam-lhe uns quantos dentes, especialmente os de frente, o que lhe fazia falar de língua enrolada. Usava um barrete preto e tinha as sobrancelhas e os ouvidos peludos e desarrumados. Ti Cók era na realidade o irmão mais novo de Mã Nacleta, mas aparentemente parecia bem mais velho. Vivia num pequeno quarto que ficava no fundo do jardim, com casa-de-banho privativa. Gostava de ajudar com as plantas, plantando couves, alfaces, tomates, mandiocas e outros tubérculos.

Estava sempre com as calças e as mãos sujas de terra e muita

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio.

A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

gente o confundia com o jardineiro da família. Ao lado do

1 - O nome advém da expressão utilizada para se referir a um cálice de bebida.

quarto, mantinha com ele o boi velho e reformado de estimação, que se chamava Plácido.

Plácido era tão velho que as suas bochechas descaíram ficando penduradas nos lados da cara, puxando os olhos para baixo, deixando visível o interior das pálpebras inferiores. Os cornos, anteriormente eretos e imponentes, descaíram com o tempo, como se também tivessem perdido a força. Os olhos mortiços e a boca também descaída, davam-lhe um ar de constante miséria, enquanto carregava consigo um bando de moscas que pareciam nunca lhe largar. Estava sempre a sacudir o pelo e a chicotear-se com a cauda muito lentamente. Até os cascos estavam rachados de tanto uso. Sempre fora um animal vagaroso, que Ti Cók ameaçou vender a vida toda. Quando ainda trabalhava no trapiche era mais teimoso que burro velho. Quando sentava o rabo no chão, não arredava pé. Ti Cók ficava vermelho como um tomate e tinha de recorrer a duas mulas que lhe serviam de suplente. Mas por mais que ameaçasse, não conseguia desprender-se do boi e quando deu anos suficientes no ofício, reformou-o e agora pastava entre o jardim e o campo das traseiras da casa.

Zebilha procurou em todos os lugares usuais onde o galo às vezes se escondia e depois aproximou-se do tio que fumava um cachimbo, enquanto tratava das couves.

- Ti Cók, viu o Rex?

- Não fi, minha filha! Se tifiesse passado, o velho Plácido já teria dado conta. Por falar nisso não o oufi nenhuma vez esta manhã!

Rex tinha uma particularidade muito... particular. Cacarejava quando lhe desse na telha e pior ainda... ONDE lhe desse na telha. Era perito em assustar qualquer membro da casa, aparecendo sem avisar nos lugares mais absurdos. Licinha tinha a certeza que o bicho fazia de propósito para atazanar

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

os donos. Da última vez, estavam os pais a dormir, quando este

se empoleirou na cabeceira da cama sem fazer um único barulho e lá ficou vários minutos no escuro até que... CÓ-CORI-CÓ-CÓOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO! O pai quase que tinha uma paragem cardíaca, caindo da cama para o chão, enquanto a mãe Buca saltava da cama aos berros, acordando o resto da casa. Agora dormia com uma frigideira na banquinha, para descontar qualquer gracinha. Nesse meio termo, Vunvum, que às vezes tinha mania de se esgueirar para a cama dos pais à noite, meio sonambulo, levou com uma bela *frigideirada* na cabeça.

Outra vez, estava Licinha dentro da banheira, quando o galo colocou apenas a cabeça entre as cortinas antes de soltar as cordas vocais. Licinha ficou dois dias com um galo empoleirado na testa e pela primeira vez em muito tempo não teve coragem para sair de casa e mostrar-se em sociedade.

Com Mã Nacleta, surpreendeu-a de dentro do forno, fazendo-lhe atirar para cima todo o saco de farinha que tinha na mão. A avó ficou mais pálida que os monarcas de antigamente, besuntados em pó de arroz. Se este estava a sentir-se tão à vontade para entrar no forno, era porque já estava a pedir ser cozinhado, disse a avó. Zebilinha e Vunvum, esconderam Rex durante uma semana, enquanto a avó andava com as facas preparadas no avental.

Por esta razão, Plácido não gostava do galo. Por várias vezes acordou-o cacarejando diretamente no seu ouvido. Até as moscas desapareceram de susto!

Dentro do quarto do tio também estava tudo nos conformes, apenas o gato zarolho, Pirata, se encontrava esticado sobre a cama, dormindo.

Pirata era um gato vira-lata. Não tinha dono mas tinha muitas casas. Vagueava pelas ruas e cada semana escolhia uma casa para se hospedar. Mas Zebilinha sabia que Castelo *d'Rotcha* era o seu local preferido.

Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

Mas existia um motivo específico por essa preferência. No quarto de Zebilinha Voa-voa morava um inquilino muito interessante. Um *tchuklindra*<sup>1</sup> chamado Txquim, que vivia dentro de uma gaiola branca e espaçosa, cheio de feno. Era obeso porque passava a vida a comer e não conseguia fazer exercício porque era asmático. Se corresse dois passos começava a arfar feito louco e Zebilinha tinha de lhe dar o remédio. Era preciso ter muito cuidado para que não saísse da gaiola sem supervisão, pois andava na mira do Pirata. Além disso era vítima dos *cantospantos* (uma palavra inventada por Vunvum para se referir aos episódios epiléticos do galo perturbado), que não ajudavam o seu problema respiratório.

Estava claro que o galo não estava em lado algum. Era dia do seu banho quinzenal e sendo que já andava dias a cheirar a catinga, deixava todos os compartimentos da casa a cheirar mal. Sem falar nas roupas de Licinha que, nos últimos tempos tinha ganho o hábito de se esfregar, como se o fizesse de propósito para irritar a pessoa que mais se importava com as suas roupas...

## 1 - Porquinho-da-índia

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

## Silêncio no Tribunal!

Zebilinha Voa-voa reuniu todos os membros da família na sala-de-estar para dar a conhecer o problema. Licinha estava com a aquela cara de quem foi acordada demasiado cedo, especialmente por um motivo que não lhe interessava um dedo. Se o galo tinha sumido, então graças a Deus, não iria ela perder o seu precioso tempo a procurar.

Sentaram-se na mesa onde costumavam reunir-se nas celebrações, cada um ocupando uma cadeira. Zebilinha trazia um bloco de notas nas mãos com uma caneta lilás e ao lado, Vunvum, de olho posto no seu bloco, era o ilustrador de tribunal, encarregue de documentar todos os eventos da reunião.

- Ora, bom dia, réus!

- Réus, Zeb...? - começou o pai, sorrindo, antes de ser bruscamente interrompido pela filha do meio.

- SILÊNCIO NO TRIBUNAL! - gritou tacando um martelo moedor de carne sobre a mesa de madeira escura - Estamos aqui, porque esta manhã o galo depenado de meias chamado Rex desapareceu. Procurei em todos os compartimentos da casa e não há sinal da vítima!

- Agora é vítima, esse galo? Vítimas somos nós que não temos um minuto de paz? - balbuciou a mãe Buca entredentes.

- Se ele passar por cá, dou-vos uma vítima de lamber os beijos! - a avó retirou do bolso do avental duas facas de cortar carne, roçando-as uma na outra para aguçar as laminas.

- Armas brancas devem ser deixadas fora deste tribunal, se faz favor!

Vunvum levantou-se tão rápido que quase ninguém reparou, apanhando a faca e deixando na cozinha, regressando ao seu

lugar em tempo recorde. Todos os presentes sentiram apenas uma brisa passageira.

- Ora bem! Questionaremos todos os envolvidos nessa conspiração e no final saberemos quem é o culpado pelo desaparecimento do Rex.

- Porque partes do princípio que alguém aqui é culpado?  
- perguntou Licinha irritada - Não tenho tempo para isto, combinei de sair com...

Mas antes que a irmã pudesse lançar uma das suas bombinhas de saída, Vunvum já tinha resolvido o assunto. Em menos de um segundo estava presa à cadeira com uma daquelas algemas de plástico que tinha ganho pelo natal. Não tinha qualidade nenhuma, mas sem a chave tornava um pouco difícil livrar-se dele sem se recorrer a um outro instrumento qualquer.

- O que é isto? Estão loucos?...

- Nenhum dos réus está autorizado a sair desta mesa até chegarmos a um veredicto?

- MÃE! - gritou Licinha escandalizada.

Algures no canto da boca, a mãe Buca escondeu um sorriso, trocando um olhar com o pai que também tentava se aguentar na cadeira.

- Bem, agora que estamos todos devidamente sentados e confortáveis...

- SIM, TODOS! - guinchou Licinha.

- ...iremos prosseguir com os questionários. Antes de mais queria dizer que a última vez que vi Rex, foi antes de ontem antes de dormir. Durante todo o dia de ontem, não o ouvi sequer a cantar, mas acho que nenhum de nós prestou atenção a isso. Acordei por volta das nove quando descí para tomar o pequeno almoço. Depois passei o resto da manhã na torre. Desci para almoçar e regresssei à torre com Vunvum - Zebilinha adorava passar o seu tempo na torre. Sentia-se uma daquelas princesas presas no seu mundo de magia. Por isso tinha ganho

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

o apelido de Zebilinha Voa-voa. Estava sempre voando no seu

mundo da imaginação como se fosse uma ave mágica. O nome Zebilinha vinha de uma espécie de falcão muito comum na ilha e que lembrava o seu nome original, Isabela - e só desci por volta das quatro para ver o que Mã Nacleta estava a fazer no jardim. Depois regressei à torre até à hora do jantar.

A torre não era nada mais que um sótão elevado, com acesso através de uma escada de ferro preso à parede do corredor do primeiro andar. Estava cheio de tesouros antigos das crianças e algumas caixas com pertences dos pais que já não usavam. Zebilinha adorava remexer nessas caixas, descobrindo pequenos objetos como caixas de músicas que já não funcionavam, roupas que se rasgavam facilmente, e que gostava de vestir durante as suas brincadeiras, livros dos tempos de escola da mãe, que passava horas a ler, joias e moedas que colocava em caixas escondidas, brincando aos piratas, seguindo um pedaço de papel que envelhecia, embebido em café e amarrotado com um mapa rabiscado e um enorme x vermelho no centro. Outras vezes brincava às secretárias, sentando-se sobre uma mesa, rodeada de papeis e servindo o seu chefe imaginário. A sua imaginação era algo excepcional e por isso conseguia passar horas entretida e sem se lembrar que o resto do mundo existia.

- Muito bem, começaremos por fazer o histórico dos vossos passos de ontem.

- Ora bem! Mãe! - dona Buca estava prestes a levantar-se da mesa mas rapidamente desistiu - És sempre a primeira a acordar. Qual é o teu álibi?

- Err... bom, acordei às seis para exercitar como sempre costume fazer. Quando terminei, voltei a casa, tomei um banho e fui fazer as minhas torradas de tomate e azeite. Até esse momento não vi o Rex. Depois saí para fazer umas compras e só regressei perto da hora do almoço. Passei o resto da tarde a

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

tratar das limpezas e a ver os meus programas. Não lembro de ver o Rex nenhuma vez!

- Muito bem! Mã Nacleta, agora é a sua vez!

- Digo já que não vejo o depenado desde anteontem. E olha que ontem tinha a certeza que ia servir frango para o almoço. Acordei às sete e fui para o jardim tratar das plantas. Quando terminei preparei a cachupa guisada para o pequeno-almoço e passei o resto da manhã, trabalhando numa receita que vi na internet. No final não consegui porque me faltava um ingrediente importante e demorei muito tempo à procura do saco de folhas de louro... Até hoje não sei onde as meti!

Todos entreolharam-se lembrando-se da última receita da internet que foram obrigados a comer. Claro que elas só tinham ingredientes que não se encontrava na ilha ou que pelo menos eram muito difíceis de encontrar, e por isso a avó substituía com o ingrediente mais próximo que encontrava. Para exemplificar, uma receita que levava estrela de anis, substituiu por erva-doce, que era um daqueles ingredientes que a maioria da família não gostava. Tinha um gosto desgostosamente medicinal e todos que sorveram a sopa tiveram vontade de vomitar, não pela comida em si, mas pelo gosto da erva doce. No entanto, não havia como fugir. Com Mã Nacleta, não existiam queixas ou choradinhos. O que era posto na mesa era para ser comido até ao fim, nem que todos passassem o resto do dia na casa de banho ou na *tchada*<sup>1</sup>.

- O resto da tarde, estive ocupada no jardim. Até à hora de dormir nenhum galo saiu do meu forno! Infelizmente...

- Muito bem! - Zebilha rabiscava furiosamente no seu bloco de notas, enquanto Vunvum já tinha produzido dois desenhos do depoimento da mãe e da avó. A mãe com aquela cara de quem não está sabendo de nada e a avó com as suas facas afiadas!

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

- Pai? - olhou para ele à espera que se pronunciasse.

1 - Expressão que se refere a um local a céu aberto, longe das casas, onde quem não tem acesso a casa de banho pode fazer as suas necessidades.

- Eu também não reparei no Rex ontem, minha filha. Saí depois do pequeno almoço para trabalhar e somente regresssei à hora do almoço. À tarde, estive na garagem na maior parte do tempo a consertar um cadeado que o vizinho me pediu. Foi nesse momento que acabei ferindo o dedo numa lasca de madeira que estava no pedaço de porta preso ao cadeado. Estive algum tempo procurando por fita adesiva para enrolar o dedo em gaze, e acabei usando a fita de madeira. Depois disso fui para a sala ver um pouco do jogo de ontem. Só me lembro de ter adormecido no sofá e de ter tido uma boa noite de sono, como nunca tinha tido há muito tempo. Algo me diz que o desaparecimento do Rex tem alguma coisa a ver com isso.

- Está certo! - olhou para o lado apreensiva. A cara da irmã dizia-lhe que ia pagar caro por essa insubordinação. Afinal era a mais velha e só ela poderia tratar assim aqueles que nasceram depois dela.

- Licinha?

Esta espalmou a palma da mão livre sobre a mesa e sorriu sarcasticamente.

- Se isto é uma armadilha para te contar o que fiz ontem, podes tirar o teu cavalinho da chuva! - olhou para a irmã para garantir que percebeu a mensagem e depois prosseguiu - Por volta das oito acordei com barulhos vindo do quarto de Vunvum. Atirei um sapato contra a parede e quando o barulho parou consegui voltar a dormir. Acordei por volta das onze, tomei banho, tomei o caf...

- Camoço! - disse Vunvum distraído a rabiscar.

- O que? - perguntou Licinha já com os nervos fervendo.

- Camoço! Junção de café e almoço! - disse com os olhos bem abertos e uma sobrancelha levantada, como se era a coisa mais óbvia do mundo.

Os olhos de Licinha reviraram-se enquanto rangia os dentes e alguns dos presentes deixaram escapar uma risada tremida, seguido de uma tosse disfarçada.

- E depois saí. Só regresssei no final da tarde. O Rex não esteve comigo nenhuma vez mas posso garantir que ele passou pelo meu quarto. Aquele cheiro de catinga não me engana em lado algum.

Zebilha pareceu interessada nestas últimas revelações. Rabiscou uma nota e esperou alguns segundos, mas vendo que não havia nada mais a dizer prosseguiu.

- Bem, obrigada Licinha por este depoimento tão... descritivo.

- Ótimo! Posso ir embora?

- Claro que não, ainda não terminamos os depoimentos e falta ainda fazer o reconhecimento dos locais do crime.

- Ah não! Estou farta! Preciso mesmo de sair.

- Vunv...?

Mal tinha começado, o irmão tinha voado porta fora e agora trazia na mão Caramel Cararrum segurando a coleira. Amarrou-o à cadeira da irmã mais velha.

Além de todos os problemas que tinha, o cão raivoso, quando estava dentro de casa, odiava quando qualquer pessoa tentava sair, atacando os calcanhares fugidios.

- Vocês me pagam! - disse Licinha com os olhos fulminantes e direcionados para os irmãos.

- Prossequimos! Ti Cók! É a sua vez!

O tio, sério, aproximou-se da mesa e juntou as mãos cruzando os dedos e esticando as costas como se realmente estivesse a dar um depoimento importante.

- Antes de mais, cabe-me lemfrar que quem acorda mais cedo aqui dentro sou eu. Mas ontem acordei um pouco mais tarde defido ao cantar do galo que perdi. Rex deve estar

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

definitivamente desaparecido porque o que gosta mais é de

cantar. Segui para a lafoura e para o trapiche e somente regressei ao final do dia como costume fazer nessa época.

- Perfeito! Acho que podemos excluir o Ti Cók da lista de suspeitos. Ele passou o dia fora de casa e dorme mais cedo que toda a gente.

Era verdade, Ti Cók dormia imediatamente após o jantar quando terminava a novela da noite.

Encostou-se de novo às costas da cadeira, cruzando os braços na barriga. Estava satisfeito com a sua prestação e agora poderia observar o sofrimento dos outros, descansado.

- Acho que não devias excluí-lo, Zebilinha. Afinal ele poderia ter apanhado a criatura durante a noite e levado para comer na lavoura! - replicou Mã Nacleta, que desconfiava que o irmão também queria comer o galo.

Ti Cók olhou para ela incrédulo, mas antes que pudesse protestar, Zebilinha concordou em mantê-lo na lista de suspeitos por enquanto. O velho encostou-se nas costas da cadeira novamente, mas agora de braços cruzados e sobrelhas franzidas, mastigando os lábios.

De repente, levantou-se dona Buca, atacada por uma daquelas necessidades incontroláveis de fazer exercício. Colocou as duas mãos sob os seios e começou a saltitar à volta da mesa, batendo com os calcanhares no rabo e alterando com pulos que elevavam o joelho até à altura da cintura. Todos que tinham parado para observar o que fazia, tinham ficado petrificados durante algum tempo, mas voltaram de repente ao normal, ignorando os seus movimentos repetitivos e irritantes à volta da mesa, enquanto respirava para dentro e para fora, puxando o ar pelo nariz e expirando pela da boca.

- FFFFmm! Puuuuufff! FFFFmm! Puuuuufff! FFFFmm!  
Puuuuufff!

Somente Licinha, que entrada na adolescência, irritava-  
*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

se com tudo o que vinha dos pais, e por isso, tinha agora a

cara vermelha, sofrendo de uma condição muito comum aos adolescentes chamada de vergonha alheia.

- Vunvum! É a tua vez! - continuou Zebilinha.

O irmão levantou-se de repente, deixando cair o caderno de desenhos.

- Ontem também não vi o Rex. Acordei quando a mãe saiu, para ver os desenhos animados do horário matinal...

- Queres dizer madruga! - interrompeu Licinha, descontando a sua interrupção com uma gracinha.

- Para quem acorda a horas minguadas, sim tens razão! - a avó deu uma gargalhada roncada. Era o que costumava dizer, quando a adolescente levantava perto do meio dia.

As narinas de Licinha escancararam-se lançando chamuscas ácidas de raiva.

- Nessa altura reparei que Caramel estava a ladrar. Espreitei pela janela, mas não vi nada. Estava a ladrar em direção à casa do vizinho. Tomei o primeiro café, quando a mãe chegou para lhe fazer companhia, depois o segundo com a avó e o terceiro com todos à mesa - o pai desatou a rir. Vunvum tinha o apetite voraz do pai multiplicado por três e a mãe dizia que um dia os haveria de comer a todos por engano.

- Depois disso subi para o quarto para desenhar. Às dez e meia, desci para tomar um lanche e saí para o jardim para desenhar o Plácido. Encontrei-o um pouco agitado. Tinha alguns arranhões nas costas. Depois do almoço voltei para cima, subindo a torre contigo e ficamos algum tempo a brincar aos índios.

Zebilinha continuava a rabiscar no seu caderno.

- Depois desci para fazer o lanche das quatro e fui brincar com *Txquim* no teu quarto. Tinha ficado completamente sem feno e acabei por ir buscar mais na despensa. Fiz o lanche antes das seis e fui... passear - altura em que normalmente

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

se escondia da hora do banho - e nessa mesma altura ouvi

Caramel a ladrar outra vez feito louco. Corri para a janela, mas não consegui ver o que se passava. Quando subi para o quarto, entrou Pirata com os olhos dilatados como se tinha estado à luta com alguém. Ficou imediatamente explicada a reação de Caramel, o gato deve ter passado muito perto dele... Adormeceu na minha cama. Quando regressei do jantar das oito faltava-lhe alguns tufo de pelos nalguns pontos da cabeça.

Vunvum mal fechou a boca, sentou-se e continuou a rabiscar, enquanto a mãe parava finalmente o seu ritual de exercitação, sentando-se outra vez na mesa.

- Bravo, Vunvum. És um réu exemplar e tens uma bela memória.

Arrumou os papeis e saltou da cadeira.

- Muito bem, acho que já recolhemos muita informação por agora. Podemos passar ao próximo passo. Revistar os compartimentos. Penso que é melhor começarmos pelo quarto de Licinha, sendo que ela tem a certeza que ele passou por lá!

- Nem penses que vais entrar no meu quarto! - disse Licinha irritada.

- Porque não? Tens alguma coisa estranha lá, que não queiras que a gente veja?

Calou-se e engoliu em seco. Toda a gente olhava para ela curiosa.

- Claro que não!... só não quero que ninguém esteja a bisbilhotar as minhas coisas.

Zebilha ficou a olhar para ela, esperando mais alguma coisa, mas depois deu um pulo e pediu que toda a gente a seguisse.

- Hey!

Olharam para trás, e Licinha continuava presa à cadeira.

- Podes esperar aqui ou podes seguir conosco.

As faces de Licinha ficaram vermelhas de raiva e quase parecia que a sua cabeça fumegava de odiosidade. Nesse momento parecia mais touro que o próprio Plácido.

Levantou-se da cadeira e expendeu-a com as mãos, enquanto Caramel se libertava e se dirigia para deitar no tapete persa, subindo, Licinha, as escadas de forma desajeitada, tropeçando de vez em quando nos degraus. A cada passo a escada afundava-se nos seus nervos.

## Na pista do galo

Chegaram ao corredor que dava acesso aos quartos e voltaram à esquerda entrando no quarto dos fundos. O espaço era arrumadinho, tirando a pilha de roupas que se acumulava sobre a cadeira da secretária. Acima da cama, na parede, havia uma enorme colagem de fotografias com os amigos e amigas, passeios na praia, festinhas e conversas à porta de casa. Zebilinha Voa-voa sabia que Licinha Vaivém escondia as fotografias do namoradinho atrás do espelho. Se revelasse esse facto, sabia que estava mortinha e por isso não planeava fazê-lo.

Estacou-se à porta antes que alguém pudesse olhar demasiado e disse.

- Então dizes que ele esteve aqui? Como podemos provarlo?

Licinha entrou resmungando, arrastando a cadeira e parou no meio do quarto. Parecia *scanear* o espaço com aqueles olhos de águia em busca de algo que nenhum dos outros conseguiria encontrar tão depressa. De repente, apontou. Na perna da mesa onde guardava as escovas, cremes e outros itens de beleza, estava uma clara pista de que o galináceo tinha passado por aí. Um dejecto branco e encrustado na madeira.

Não precisou dizer mais nada.

- Muito bem! E tens a certeza que isto foi de ontem?

- Tenho!

- Certo! Porque é que achas que ele estava aqui?

- Não faço ideia! O galo é doido!

Pelo menos algo em que as duas estavam de acordo, pensou Zebilinha...

- Bem se não há mais nada para ver, seguimos para o

quarto de Vunvum, de onde ouviste os barulhos. Nessa hora, Vunvum diz ter estado lá em baixo.

Entraram no quarto do irmão mais novo, que ao contrário do primeiro, estava uma enorme bagunça. Nas paredes haviam diversos *posters* de super-heróis e eram todas rabiscadas de diversas cores. Poses de luta, criaturas estranhas, bolas de fogo e energia sendo lançadas por todos os lados. A cama estava desarrumada como sempre e as estantes de brinquedos, vazias. Todo o seu conteúdo espalhado pelo chão, tornando o solo um labirinto de peças grandes e pequenas e uma bela armadilha para quem andasse com os pés descalços.

- Se ele apanhou, ou mudou alguma coisa de lugar nunca saberemos! - retorquiu dona Buca.

Foi neste momento que Vunvum deu um salto e apontou para um molho de lápis de cera que estava espalhado a um canto.

- Faltam-me o laranja e o azul!

- Vunvum, podem estar aqui neste quarto. Já olhaste para este desastre? Ninguém encontra nada aqui! - disse a mãe já começando a coçar-se com tamanha desarrumação e com um olho tremendo de desespero. Dona Buca tinha uma aversão louca por desarrumações e por essa razão os filhos mantinham os quartos fechados para que os nervos da mãe não se lembrassem de atuar. O que os olhos não veem, coração não sente! Era o lema de Zebilinha.

- Laranja e azul!

Quando Vunvum achava que estava certo, não precisava de se explicar. Cruzou os braços e esperou que todos aceitassem a sua verdade.

Zebilinha rabiscou na folha das pistas e seguiu acompanhada para o próximo quarto que era o seu.

Este era uma mistura do primeiro e do segundo. Uma pilha de roupas familiar sobre uma cadeira, uma estante de livros meticulosamente arrumada, e muitas coisas espalhadas por todos os lados. Folhas de escrever espalhadas, tesouros das suas

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

andanças, búzios, penas, gravetos, folhas com formatos

interessantes, flores secas, pedras coloridas, esboços de aves. Brinquedos desarrumados nas estantes, peluches empilhados sobre a cama, pincéis que pingavam água para o chão e gotas de tinta secas no mosaico.

O seu ouvido captou a respiração ofegante da mãe que tentava controlar-se. A sua teoria estava certa.

Ao lado da cama estava a gaiola de Txquim. O *tchuklindra* era castanho alaranjado com uma mancha preta no lado posterior direito e uma mancha branca no pescoço e parte da cabeça. Era do tamanho de uma bola de *balizinha*<sup>1</sup>, tanto em tamanho como em volume. Parecia que tinha duas maçãs no lugar das bochechas e os olhos eram tão pequenos que pareciam estar fechados e a sorrir constantemente. Andava muito lentamente e de vez em quando caía de lado. Quando isso acontecia não conseguia voltar-se sozinho, era preciso fazê-lo manualmente. Normalmente a gaiola estava sempre cheia de feno que ele mastigava rapidamente, sendo que era a única atividade que conseguia fazer de forma rápida. Mas nessa hora o bichinho parecia ferrado num sono profundo.

- Vunvum, disseste que notaste a falta de feno a que horas?

- Depois do almoço!

- Isso é estranho porque todos os dias de manhã, verifico o stock de feno e se não houver suficiente vou buscar mais. E ontem não era um desses dias. Estava com uma boa quantidade. Não tinha como ele ter comido tudo o que estava na gaiola apenas numa manhã...

- Tens a certeza? - perguntou Mã Nacleta retorcendo o nariz - Já viste o tamanho dessa ratazana?

- Mã Nacleta, sabe muito bem que não é uma ratazana!

- Sim tens razão, é o primeiro indivíduo de *Tchuklindra* que encaixa no nome. Parece um peixe-porco de tão redondo.

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

Se vos faltar uma bola para brincar, têm aqui a solução.

1 - Jogo de futebol em terra batida com uma pequena baliza, jogada com uma bola de futsal.

O pai aguentou uma risada e tentou disfarçar.

De repente o bichinho começou a pulsar e fazendo movimentos estranhos com o corpo enquanto arfava descontroladamente, mas ainda assim ferrado no seu sono. Era como se pudesse ouvir as palavras da avó no seu subconsciente.

- Mã Nacleta, quantas vezes tenho de lhe pedir para não chamar gordo ao Txquim! - Zebilinha correu para a banquinha da cama e retirou um recipiente cilíndrico que de um lado encaixava um funil e do outro atarraxava uma bombinha de asma. Abriu a gaiola e segurou a bola arfante e enfiou-lhe o funil no focinho, acionando a bomba, duas vezes.

- Filha eu nunca disse que era gordo! - disse Mã Nacleta fingendo-se escandalizada.

- Mas disse que era um peixe-porco!

- Mas afinal está ofendido porque chamei-o de porco ou de peixe? Porque porco já lhe vem no nome!

Lentamente a respiração do roedor regressava ao normal.

Saíram do quarto deixando que o coitado recuperasse do episódio e continuasse a dormir, entrando para o quarto dos pais. Mas nesse não demoraram muito tempo. O quarto estava tão imaculadamente limpo e organizado que nem parecia que era também quarto de Toi Buldonhe. Era talvez um dos poucos espaços que estava sempre a cheirar a fresco no Castelo *d'Rotcha*, tal era a compulsão da mãe Buca, quando o pai também se encaixava na ideia de confusão organizada dos filhos mais novos. Sabia sempre onde cada coisa estava, desde que ninguém mexesse em nada. Dois centímetros para a direita e o objeto desaparecia totalmente do seu horizonte visual.

No quarto de Mã Nacleta o *feeling* era diferente. Parecia que tinham entrado numa máquina do tempo, pois tudo o que se encontrava lá dentro era tão velho quanto a sua ocupante. Uma máquina de costura daquelas bem antigas, de ferro preto com

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

uma roda e pedal para girar manualmente e flores estampadas.

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.<sup>a</sup> edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

Uma cama com uma colcha de renda feito por ela mesma. Nas paredes e estantes estavam pendurados aqueles pratinhos de enfeite com estampas de padrões floridos, desenhos de moinhos, e paisagens em tinta azul. Tanto a cama como todos os cômodos eram de madeira mogno escura, herdados dos pais, que prometiam sobreviver à senhora e aos futuros donos. Em cima da mesa onde estavam as gavetas de roupas, estavam também vários bibelôs de meninas dançando, cãezinhos e gatinhos de louça, misturado com pequenas molduras com fotos muito antigas, a branco e preto e fotos recentes dos netos e de toda a família.

- Vês alguma coisa de estranha, Mã Nacleta?

A idosa entrou mais para dentro do quarto analisando cada cantinho. À primeira vista, parecia tudo nos conformes, mas de repente reparou numa pena que espreitava de debaixo da cama. Aproximou-se e agarrou-a. Era de facto, uma das poucas penas que Rex tinha e que ficava nas patas.

- Parece que o desgraçado esteve por cá, também. Se esse *bjon*<sup>1</sup> estiver escondido nalgum sitio para me assustar com aquele grito estridente do diabo, eu juro que ele não dura um dia longe da panela.

Abriu as portas do guarda-fato e da casa de banho, assim como o cesto de roupas. Não havia sinal dele.

Aproveitaram para subir à torre, enquanto Licinha encostou a cadeira no corredor e ficou de braços cruzados à espera. Não havia hipótese alguma de conseguir subir os degraus verticais com a cadeira amarrada ao braço. Com ela, também ficaram Mã Nacleta e Ti Cók que a idade já não permitia muitas escaladas. Mas segundo Ti Cók, ficou apenas para fazer companhia à irmã velhota.

A torre estava ainda mais desarrumada com todas as brincadeiras que aconteciam no seu interior. A janela tinha uma vista excelente para o vale onde moravam, cheio de árvores

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

e plantações em redor.

1 - Bicho feio

No centro estavam várias bonecas, mobílias em miniaturas, dois arcos com flecha improvisados com paus e corda de lã, e faixas de cabelo da mãe. Mal as viu, apressou-se a apanha-las do chão antes que as perdessem. De resto não parecia haver nada de estranho, além de alguns vestígios de dejetos de ave relativamente frescos, mais uma vez provando que o galo depenado tinha estado aí também.

- Isso é estranho! Passei a maior parte do dia de ontem aqui... Só não estava quando ainda dormia e quando descii para o jardim por volta das quatro... como é que ele andou pela casa toda ontem, sem nenhum de nós dar por ele.

- Sim, ele costuma ser tão barulhento que nesta situação é difícil acreditar que ele teve força de vontade suficiente para não cacarejar uma única vez no dia de ontem - comentou o pai esfregando a barba.

- Se calhar morreu engasgado num daqueles berros e anda a assombrar a casa! - gritou Mã Nacleta do piso de baixo, que apesar da idade, tinha ainda uma audição muito boa! O filho quase morria engasgado numa gargalhada com o seu comentário.

Finalmente desceram para o piso térreo, analisando os outros compartimentos. Mas tudo parecia normal e sem sinal do depenado.

Na saída para o jardim, o cão acordou alertado pelo seu sexto sentido de cão raivoso. Levantou-se do tapete ladrando feito um louco, mas Vunvum já estava a postos. Tinha construído um brinquedo para o cão que era tiro e queda para o distrair. Um pau flexível com uma linha de pesca que segurava um petisco irresistível! Mal viu o pedaço de fiambre voador, esqueceu a sua raiva e seguiu o petisco saltitante até sair para fora da casa, de regresso ao local onde costumava ficar para saborear o seu prémio.

O jardim era provavelmente a parte mais linda da casa.

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

Logo à saída da cozinha estava uma enorme plantação de folhas

de chá e temperos como salsa, coentros e manjeriço. Cada um em vasos de diferentes tamanhos, formatos e cores, pintados por Zebilinha, enquanto outros estavam pendurados à parede da casa em recipientes fantásticos e inesperados. Lâmpadas de luz vazias com flores pintadas, estavam penduradas no curto alpendre e em alguns ramos de árvores, recipientes de plástico reutilizados de forma artística, com caras de animais fofos e mágicos espalhavam-se por estantes e pelo chão. Além disso, estavam espalhadas lâmpadas de luz artificial em formato de velas dentro de potes de vidro que refletiam a luz de forma suave. Depois iniciava-se a área de horticultura onde estavam plantados vários tomateiros, alguns feijoeiros, mandioca e batata doce, couves, cenouras e inhame. Esta zona era cuidada por Ti Cók, enquanto a primeira pela avó. Mais afastado do centro, estava o enorme Dragão, rodeado de papaieiras, algumas bananeiras, uma mangueira enorme e uma árvore ainda mais alta de fruta-pão. Havia simples caminhos de terra que serpenteavam por entre as plantas dando acesso a diferentes locais do jardim. Por entre as árvores via-se o quarto de Ti Cók, feito com pedras empilhadas, caiadas de branco, com telha de palha, janela e porta simples de madeira azul. Ao lado, Plácido estava deitado no chão com as patas da frente dobradas sobre o peito, cochilando com o pescoço levantado e queixo caído. As moscas continuavam a circular à volta da sua cabeça e corpo, e o corpo tremia, sacudindo as moscas, mesmo estando a dormir.

Algures pelo caminho, Zebilinha notou alguns restos de feno de Txquim.

- Olhem! Há vestígios de feno no jardim... como é possível? Vunvum!

O irmão levantou as mãos no ar.

- Eu juro que apanhei o feno e coloquei na gaiola de Txquim. Isto pode ser o feno que estava na gaiola antes de eu reabastecer.

- Mas como? Txquim não consegue dar dois passos sem ter uma crise, quanto mais descer as escadas, atravessar a casa e o quintal. Se o fizesse estaria ainda agora a descer o terceiro degrau!

- Se calhar pensou que era um bicho tatu e rolou escada abaixo - disse Licinha sarcástica, mas ao mesmo tempo divertida com a ideia.

- Nem isso. E como teria ele voltado para cima apenas no espaço de uma manhã?

Todos ficaram calados pois sabiam que era impossível. Mas de repente, todos pensaram a mesma coisa e os seus olhos seguiram o caminho de terra até ao local onde estava o Plácido adormecido. Aproximaram-se e olharam em volta. Havia aqui e acolá algum vestígio de feno.

Ti Cók deu um passo em frente e colocou as mãos na cintura, incrédulo.

- Calma lá! Não há hipótese alguma do Plácido ter entrado em casa, sufido ao primeiro andar e ter tirado o feno de dentro da gaiola.

- Ti Cók tem razão, querida! E ninguém ter notado?

- Sim... não faz sentido, mas então quem poderia ter trazido o feno para baixo?

- O mesmo IMBECIL que parou as nossas vidas para estarmos aqui todos, em pleno domingo de sol, com conversas de manicómio, à sua procura! - exclamou Licinha sacudindo a mão livre no ar, verbalizando o que todos estavam a pensar.

- Hummm!

- Hurummm!

- **Sim!**

- Não há outra explicação!

- Mas o que queria Rex com o feno? Alimentar o Plácido?

O boi nem tinha dado conta da reunião que acontecia à sua volta. Continuava ressonando, às vezes criando bolas de ranho no canto do nariz e pingando baba de ervas mastigadas.

- Ele é o único que poderia, de alguma forma, passar despercebido e movimentar-se como um SER normal! - disse Licinha revirando os olhos como se estivesse rodeado de incompetentes e incrédula com a realização momentânea que nada havia de normal dentro daquela família. Nem mesmo a casa se safava. De fora parecia um castelo montado num rochedo elevado do nível da estrada, com um quarto elevado com telha à semelhança de uma torre e onde a maioria das coisas no seu interior funcionavam com truques. Uma porta que necessitava de uma coreografia mágica para se abrir, uma sanita que só descarregava água se o botão fosse pressionado à velocidade da luz, uma janela que necessitava de cinco paus para se manter fechada, um armário que só abria e fechava com um parafuso improvisado, uma torneira que a cada vez que abria respingava água como se fosse uma bala, causando incidentes embaraçosos ao sair de casa com o fundilho molhado. Toi Buldonhe era o único que não se queixava e achava que a casa estava perfeitamente funcional e não necessitava de reparos. Como dizia Mã Nacleta, “Santos da casa não fazem milagres!”

Vunvum deu um passo em frente e apontou para o lombo de Plácido!

- Olha estas marcas! - pareciam arranhões com alguns furinhos - Não poderiam ser das patas do Rex?

Todos se aproximaram para observar.

- Que estaria o Rex a fazer nas costas do Plácido?

- Talvez seja para isso que ele foi buscar o feno, para o distrair enquanto subia nas suas costas.

- Mas para quê?

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

- Talvez andava a querer comer alguns dos frutos das árvores? - sugeriu dona Buca.

- Acho melhor continuarmos a procurar, falta apenas o quarto de Ti Cók.

Não era um local muito espaçoso, mas era acolhedor. Tinha uma cama encostada a um canto da parede, com uma estante em cima e banquinha ao lado. Havia ainda uma secretária onde ele mantinha os seus pertences de trabalho e lazer. Ti Cók às vezes gostava de usar a casca de cana para fazer pequenas esculturas que colocava à janela. Não podia faltar também, uma bandeja de alumínio com 3 cálices limpos e uma garrafa de grogue produzida no seu trapiche. Em frente à cama estava um enorme baú onde guardava as suas roupas. Uma segunda entrada dava para uma casa de banho minúscula, com chuveiro, sanita e lavatório. De resto usava a casa principal para ver televisão e comer.

Ti Cók sempre se sentiu bem-vindo na família e por isso tinha desistido da ideia de arranjar um espaço para si. Nunca tinha tido filhos e nenhuma das mulheres que arranjou ficaram. Por isso ficava onde se sentia feliz e onde tinha a sua privacidade e continuava a fazer as coisas que gostava.

Não havia muito onde procurar pois o espaço era muito pequeno.

- Achas que ele esteve aqui, tio? - perguntou Zebilinha.

- Minha filha, até pode ser que tenha estado. Por aqui passa sempre o Pirata que acha que a minha cama é dele... Mas o galo não sei dizer.

Mas nesse momento, Vunvum notou qualquer coisa debaixo da cama. Ajoelhou-se e enfiou a mão, trazendo um objeto almofadado em couro, cor-de-rosa.

- Olha para isto! É a tua peteca, Zeb!

Zebilinha Voa-voa tinha ganho o brinquedo no ano passado,

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

quando a tia Fefa, irmã da mãe Buca, viajara para o Brasil de

férias para visitar uns familiares emigrantes e trouxe alguns brinquedos típicos. A peteca, além da parte almofadada tinha penas coloridas no topo. Quando recebeu o brinquedo passou dias brincando com o irmão, mas aconteceu que um dia estavam a brincar no espaço onde Caramel costumava estar, e atirou mal o brinquedo que foi imediatamente abocanhado pelo cão. Este colocou-o dentro da casota e nunca mais de lá saiu. Todos os objetos recolhidos por Caramel nunca mais viam a luz do dia. Ele era extremamente territorial quanto à sua casota e por isso nem valia a pena chorar. O brinquedo ficaria para sempre perdido no Vórtex Caramelar! Nome atribuído, mais uma vez, por Vunvum, o dador de nomes, o nomeador de objetos e criador de novas palavras.

- Como é que isto veio aqui parar? Ninguém consegue apanhar nada que entre no vórtex!

- Isso sim é um enigma! - exclamou o pai.

- Achas que ele veio até cá? - perguntou Ti Cók assustado.

Ti Cók, era se calhar a pessoa que mais tinha medo do cão. Quanto mais longe ficasse dele melhor, mas saber que ele tinha estado dentro do quarto era algo que o deixava nervoso.

- Impossível. Ele não tem como entrar no jardim. Primeiro tinha de entrar em casa e passar por todos nós, e sabes que ele não resiste a ladrar em quem quer que seja.

- É verdade, é verdade! - confirmou Ti Cók, acalmando-se a ele próprio.

- Mas então quem?... - todos olharam para a cara de Licinha que já os olhava com cara de desapontamento perante aquela pergunta.

- O Réx? Mas como? - perguntou Zebilinha.

Vunvum espreitou mais uma vez para debaixo da cama e esticou a mão trazendo um pau branco de plástico, dois pinos encurvados e um saco de folhas de louro.

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

- *Adé!* O que estão as folhas de louro aqui a fazer? - perguntou Mã Nacleta espantada.

- E este é o seu espanador! Lembra-se daquele com penas azuis? - disse a mãe à avó, segurando o objeto de plástico.

- Sim! Deveria estar no meu quarto, na prateleira debaixo da banquinha. Então era isso que ele lá foi fazer! - disse Mã Nacleta.

- Espera! - disse Licinha quando olhou de repente para os pinos.

Desapareceu do quarto, arrastando consigo a cadeira, atravessando desajeitadamente o jardim e tropeçando nas plantas e nos troncos das árvores. Ouviram a porta da cozinha abrir e fechar e o som dos seus passos a desaparecer no fundo. Esperaram alguns segundos e nada.

- Não me digam que ela saiu! - perguntou Zebilinha.

- Com a cadeira na mão? Sem chance! - comentou o pai.

Nesse instante, lá começou novamente a mãe Buca, atacada pelos seus demónios exercitais. Afastou as pernas à distância da cintura, estendeu os braços à frente do corpo e começou a fazer agachamentos com o rabo espetado para fora, enquanto fazia o mesmo exercício respiratório de sempre.

- FFFFmm! Puuuuufff! FFFFmm! Puuuuufff! FFFFmm! Puuuuufff!

De repente, o barulho desajeitado voltou a ser ouvido, até que Licinha regressou para o quarto, ignorando a mãe dessa vez.

- Como eu esperava, os meus brincos de penas desapareceram!

- Então, mas o que é que ele queria com dois lápis de cera, um espanador, dois brincos, uma peteca e folhas de louro?

1 - Expressão exclamativa que neste caso significa: Então?

- Bom sendo que a peteca, o espanador e os brincos estão sem as penas, suponho que ele tem estado a colecionar penas...

- disse o pai.

- Mas e as folhas de louro? - perguntou a avó.

- Também não percebo.

- Bem acho melhor espalharmos pela casa e procurar qualquer coisa que tenha penas, que para já é a única pista que temos.

## Mas que raio estava o galo a fazer?

Parecia estar a nascer uma união na família, pela primeira vez naquele domingo. Todos pareciam cada vez mais intrigados e interessados no que o galo depenado tinha andado a aprontar no dia anterior e não houve necessidade de mais ninguém vigiar Licinha. Ela também estava curiosa, mesmo que nunca o fosse confessar em voz alta.

Cada um afastou-se para um lado, voltando a revistar os seus quartos e compartimentos. Quando se juntaram novamente na cozinha, alguns vinham de mãos a abanar enquanto outros vinham de mãos ocupadas.

- Muito bem! Depois que subi para a torre, estive a pensar. Eu e o Vunvum estivemos ontem a brincar aos índios e chegamos a fazer penas de papel cortado. A mãe só encontrou as faixas. Existe uma forte possibilidade de ele tê-las apanhado também.

- E eu, só agora reparo que o Gregório também ficou sem as penas - disse dona Buca incrédula.

Gregório era o nome da estátua de estimação de dona Buca. Dona Buca gostava de comprar pequenas estatuetas de animais para espalhar pelo jardim e a cada um lhe dava um nome. Fazia-lhe sentir que estava dentro dum mundo encantado e rodeada por natureza, mas uma natureza segura, que não mordida, não saltava em cima e não deixava tudo sujo. Aqui e ali encontravam-se estatuas de sapos, corujas, passarinhos, e a maior de todas era o Gregório. Era um galo todo ele de louça, à exceção da cauda que era feita de penas postiças falsas. Sempre esteve no meio do jardim, mas agora tinha ficado *fanoco*<sup>1</sup>.

Toi Buldonhe não trouxe nada, mas estava com olhar

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

pensativo:

1 - Um animal que perdeu a cauda ou parte dela

- Sabem, pode ser que seja ele o ladrão da fita adesiva. Costumo deixa-lo sempre no mesmo lugar e costuma estar bem à vista e ao alcance! Tenho tido muitos acidentes nestes últimos dias! E sendo que ninguém o usou estes dias, pode ser que também esteja conectado.

- Muito bem! - começou Zebilinha - Recapitulando então, o Rex parece ter roubado as penas do espanador, do Gregório, dos brincos, da peteca, as folhas de louro e possivelmente a fita adesiva e as penas de papel. O que acham que ele vai fazer com isso? Coleciona-las para se sentir... normal?

- Não faço ideia. Eu fico pasmo de pensar como é que ele conseguiu a peteca que estava na casota do Caramel.

De repente Vunvum deu um pulo.

- Espera, se calhar atraiu o Pirata para a rua para distrai-lo enquanto apanhava o brinquedo. Lembro-me que depois de ouvir o Caramel a ladrar feito louco, o Pirata entrou no quarto meio atarantado. Parecia que tinha visto alguma coisa assustadora. Nunca o costumo ver assim...

Ti Cók olhou para Mã Nacleta com a boca *motcha*<sup>1</sup> sorridente! Acabava de ganhar a aposta sobre quem o cão mataria primeiro se o galo e o gato estivessem juntos à sua frente. Discretamente a avó meteu a mão no bolso e entregou uma nota de mil ao irmão, dando-lhe uma coça com o pé.

- Mas como poderá o Rex ter atraído o Pirata? Ele nunca se aproxima do cão. Nem sequer passa perto. Teria de haver algo muito tentador para que se aproximasse dele! - disse Zebilinha.

- A única coisa que o pirata deseja mais nesse mundo...  
- começou Vunvum.

- ...É O TXQUIM! - gritaram os três em uníssono.

- Não queres dizer que o Rex teve a coragem de levar o

Txquim para baixo só para atrair o felino! Se ele fez mesmo *Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

isso, não sei como ainda está vivo.

1 - Boca sem dentes

- Olhaste bem para ele desde ontem? - perguntou Licinha.

Durante menos de um segundo os três irmãos olharam uns para os outros e desataram a correr escada acima, seguido dos mais velhos. Toi era talvez o que estava mais divertido com toda aquela situação e estava especialmente contente perante essa união repentina, coisa que já não era tão frequente nos últimos tempos entre todos os irmãos.

Chegados ao quarto, aproximaram-se da gaiola de Txquim. Assim como da última vez que tinham estado no quarto, Txquim continuava adormecido, coisa que não era muito normal. Durante o dia estava quase sempre ativo e se dormisse não demorava mais que dez minutos. Zebilinha comentou que realmente, desde que acordara que o bichinho estava a dormir, mas que no momento não ligou.

Abriu a gaiola devagarinho e estendeu as mãos para o segurar. Mesmo assim não acordou. Parecia estar a recuperar de alguma coisa muito traumatizante. O pelo estava muito encardido de terra vermelha, a mesma terra que havia na frente da casa, onde Caramel costumava estar, e a boca estava manchada de negro, como se tivesse estado a comer alguma coisa. Algures entre o pelo, encontrou um pedaço de baga escura.

- O que é isto? - perguntou Zebilinha.

- Uva-de-cão! - respondeu Ti Cók rapidamente - O centro do jardim está repleto deles. Eu já disse que devíamos tirá-los, mas segundo Mã Nacleta, as flores são muito bonitas e vocês gostam de comer os frutos.

- É verdade, são muito docinhos! Mas se ele estava a comer os frutos significa que Rex o levou para atrair o Pirata para a rua. Isso tudo, apenas para conseguir a peteca que estava dentro da casota. Eu sempre li que os galos têm boa

memória, mas isto é a prova.

Zebilinha parecia estar prestes a chegar a alguma conclusão. Colocou Txquim de volta na gaiola e desceu para baixo sentando-se novamente na mesa da sala.

- Precisamos fazer um itinerário do bicho. Ele esteve quase sempre dentro desta casa, mas longe da nossa visão. Portanto, segundo Licinha, por volta das oito ele provavelmente estava no quarto de Vunvum e roubou dois lápis de cera que não sabemos o fim. Algures durante a manhã, quando eu já não estava no quarto, depois das nove, ele entrou para tirar o feno de Txquim. Deve ter usado alguma outra via para chegar ao jardim, pois Mã Nacleta teria visto se ele tivesse passado pela cozinha.

- É fácil, já o vi saltar da janela da casa de banho do primeiro andar para o jardim várias vezes. Lembra-te que há alguns vasos altos no quintal! - disse Vunvum.

- Certo! Foi para o quintal, distraiu Plácido com o feno e subiu em cima dele para fazer alguma coisa que não sabemos. E aproveitou para roubar as penas do Gregório. Até à hora do almoço é provável que tenha estado no quarto de Licinha para apanhar os brincos ou na garagem para apanhar a fita adesiva. Depois do almoço deve ter encontrado o espanador e depois das quatro deve ter subido para a torre para apanhar as penas de papel. Depois das cinco levou Txquim para atrair o Pirata e então distrair Caramel para apanhar a peteca. É provável que guardou tudo no quarto de Ti Cók que passou a maior parte do tempo fora de casa. Depois disso, Pirata entra para o quarto de Vunvum, visivelmente abalado e quando regressa, repara que lhe faltavam alguns tufos de pelo.

A família inteira olhava uns para os outros sem perceber nada.

- Mas que raio estava o galo a fazer?!

- Não faço a mínima ideia... - disse o pai.

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

De repente ouviram uma enorme algazarra vindo da rua. Caramel Cararrum estava outra vez maluco da cabeça. Correram para a entrada da casa e ele continuava ladrando com o focinho apontado para a casa do vizinho.

- O que se passa aí?

- Não é nada, Cinpron comprou umas galinhas esta semana e estava a ter problemas com o cadeado da porta do galinheiro. As galinhas estavam sempre a escapar. Era isso que estava a arranjar ontem quando feriu o dedo.

- Espera! - exclamou Zebilinha - Então Nhô Cinpron comprou galinhas! Também comprou galo?

- Não, por enquanto só comprou galinhas.

- Não acredito! - todos voltaram-se de repente para Ti Cók que de repente teve uma realização. No entanto, desatou-se a rir antes que pudesse dizer mais alguma coisa. Nunca tinham visto o tio rir tanto. A boca *motcha* estava agora completamente exposta e já se viam gotinhas de suor crescendo na pele da sua testa de tanto que se esforçava por aguentar tamanha *rintcharada*<sup>1</sup>.

- Tio, o que se passa!

- Vá lá homem, levanta-te antes que te dê um piripaque!

- disse Mã Nacleta já cansada de o ver rir.

- Vocês não vão acreditar no que me lembrei. As peças encaixam-se todas.

- O quê? - gritaram os 3 irmãos em uníssono.

- Lembram-se da história que vos contei antes de ontem?

- Que história?

- Lembram-se, estávamos todos no jardim quase ao anoitecer e ouvimos o piar de uma coruja? E eu vos contei que as corujas andam apenas durante a noite porque roubaram as penas de todos os outros pássaros, e que se aparecerem de dia os donos vão querer as suas penas de volta. Não vêm? Ele anda

*Onde se meteu o galo depenado de meias chamado Rex?*, de Nathalie Monteiro Almeida, é o original vencedor (texto) da 2.ª edição do Prémio Infantojuvenil Manuel Lopes. A sua disponibilização, tal como a recebemos, serve apenas para efeitos de candidatura à fase de ilustração do mesmo Prémio. A distribuição e comercialização não são permitidas e são punidas por lei.

a recolher as penas, assim como fizeram as corujas!

1 - Gargalhada

- Mas para quê? - perguntou dona Buca ainda sem perceber!
- Para impressionar as galinhas de Nhô Cinpron!!! - gritaram Zebilinha, Vunvum e Licinha, já mortos de riso.
- Mas isso não explica o que ele queria com as minhas folhas de louro, ou com os lápis de cera... ou o que ele andou a tramar com o Plácido - comentou a avó, aguentando uma gargalhada.
- Acho que tudo fará sentido quando encontrarmos o galo galã!

## Uma família comum, mas nada vulgar!

Meia hora mais tarde, descobriram finalmente o galo depenado de meias, chamado Rex, que durante dois dias andou pela casa, charutinho, roubando penas e afins.

Estava posicionado à frente do galinheiro do vizinho, de peito espetado e cabeça erguida, crista ao vento, bico polido, olhar sedutor, com a sua fatiota de galo machão e alfa da nova capoeira.

Tinha colado com fita adesiva, ao longo do corpo todo, tufos de penas das mais variadas cores, deixando à mostra pequenos espaços onde não alcançava ou que não teve matéria-prima suficiente para tapar. Algumas das fitas estavam a perder a cola e esvoaçavam ao vento, enquanto algumas das penas ficavam penduradas de maneira estranha. A cauda era constituída pelas penas do gregório e mais algumas penas espetadas de forma pouco natural, do espanador azul. Ao longo do corpo havia uma mistura de penas de peteca e brinco, penas de papel supermal coloridas com lápis de cera, penas de outras espécies aleatórias, folhas de louro, que vendo bem tinham o formato de penas e eram compridas o suficiente para desenrascar um gajo que andava a precisar de penas, folhas do dragoeiro dragão, que também se assemelhavam a penas e que explicou a necessidade de usar Plácido como escada para alcançar as folhas que ficavam no topo da copa, alguns tufos de feno que sobraram do *tchuklindra* Txquim, que permanecia em coma no andar de cima, e que serviram para cobrir algumas partes despidas e finalmente, o pescoço estava repleto de tufos de pelos brancos e cinzentos do gato Pirata, que além de ter sido usado como isca, levou com uma bela tosa craniana.

Dentro da capoeira, as galinhas, das duas uma, ou

ignoravam a figura triste do galo galã depenado, agora empenado de penas postiças, ou nem sequer notaram a presença

do pobre coitado, que jamais teria o pacote completo, fisicamente falando, para impressionar uma galinha.

Do outro lado da cerca, uma família, em nada vulgar, mas completamente comum, rebojava no chão com as mãos presas à barriga, olhos marejados de lágrimas que jorravam em cascatas, e gargalhadas que atraíram toda a vizinhança do vale para ver o espetáculo galar.

FIM